

# FAUSTINO XAVIER DE NOVAIS: O BARDO E A QUESTÃO DO DINHEIRO

Eduardo da Cruz  
UFF/PPRLB

## RESUMO:

Quando os literatos precisam vender suas obras para sobreviver, a questão do mercado literário torna-se importante. Ao longo do século XIX, com o avanço do capitalismo em Portugal, alguns artistas passam a viver de sua produção intelectual. Dinheiro e pobreza, assuntos intimamente ligados, tornam-se temas de poemas, mesmo num período tradicionalmente tido como sentimental, como o Romantismo. Neste ensaio debruçamo-nos sobre a obra poética de Faustino Xavier de Novais (1820-1869), que além de escritor foi ourives, em busca dos modos como esses temas se manifestam em seus poemas.

## PALAVRAS-CHAVE:

Poesia; Dinheiro; Intelectuais; Regeneração.

## ABSTRACT:

When the writers need to sell their works to survive, the question of the literary market becomes important. Throughout the nineteenth century with the advance of capitalism in Portugal, some artists needed to live on their intellectual production. Money and poverty, issues intimately connected, become subjects of poems, even in a period traditionally viewed as sentimental as Romanticism. In this essay we have looked at the poetry of Faustino Xavier de Novais (1820-1869), a writer who was also a goldsmith, in order to see how these themes are manifested in his poems.

## KEYWORDS:

Poetry; Money; Intellectuals; Portuguese Liberalism.

Ha oito annos que te vi entrar no inferno das letras: já eu cá estava, quando vieste todo encolhido, e como que arrependido de haver pactuado com o demonio, a troca d'uma perspectiva de comendador pelo alvará de poeta satyrico, que te fôra lavrado por Nicolau Tolentino, secretario perpetuo da academia infernal, onde fôras proposto sócio. (BRANCO, 1865, p. 131-132)<sup>1</sup>.

Pobreza implica, necessariamente, dinheiro, ou melhor, a falta dele. Camões recebera uma famosa e minguada tença, mas por seus feitos como soldado, não como poeta. O fato de o autor d'*Os Lusíadas* ter morrido pobre ser tema da literatura romântica portuguesa indica que os literatos oitocentistas não estavam se esquecendo da problemática do mercado literário, o “inferno das letras”, nas palavras de Camilo Castelo Branco (1825-1890) a Faustino Xavier de Novais (1820-1869). Ou, pelo menos, indica

<sup>1</sup> Optamos por manter inalterada a ortografia de cada obra consultada.

que eles tinham consciência da dificuldade de se ganhar fortuna pela escrita literária. O que nos propusemos a investigar foi até que ponto isso efetivamente preocupava os poetas portugueses do século XIX anteriores a Cesário Verde (1855-1886), ou melhor, se essa preocupação era transmitida por seus poemas.

Para isso, vamos primeiramente examinar o “triunvirato” romântico, formador e incentivador de novos poetas: Almeida Garrett (1799-1854), António Feliciano de Castilho (1800-1875) e Alexandre Herculano (1810-1877). Não imaginamos que a relação entre suas poesias e valor financeiro seja farta ou explícita. Para relacionar dinheiro como pagamento pelo trabalho poético é preciso pensar a questão da propriedade intelectual. Só com esse conceito estabelecido é que será possível ao poeta pretender ganhar dinheiro no mercado literário.

Além da famosa polêmica entre Garrett e Herculano sobre propriedade literária, de 1851, suscitada pela questão do acordo com a França sobre esse tema, podemos perceber uma discussão anterior. É o caso, por exemplo, de Castilho, na época em que era redator da *Revista Universal Lisbonense* (janeiro de 1842 a junho de 1845), quando se bate contra os periódicos que copiam os artigos publicados na *Revista*. Além disso, o *Camões* (1825), de Garrett, apresenta o autor d’*Os Lusíadas* indo ao paço pedir. Castilho, no “Hymno da Caridade”, que Bulhão Pato chama de “poesia social” (1877, p. 339), está pedindo pelos mais pobres. Com uma ideia divergente, Herculano ataca os poetas que vendem seus serviços:

Mal haja o trovador que vai sentar-se  
À porta do abastado,  
O qual com ouro paga a propria infamia,  
Louvor que foi comprado. (HERCULANO, *Poesias*, p. 85)

É o caso, agora, de nos perguntarmos pelos intelectuais que viviam do mercado das letras. Bulhão Pato fez a pergunta e deu-nos a resposta: “Quantos homens ha n’esta terra que, do seu trabalho puramente litterario, sem o auxilio de algum emprego particular ou publico, tenham logrado, já não digo a abastança, mas o desafogo, a mediocridade, ao menos? Apuradas bem as contas talvez me não apresentem um” (1877, p.100). Imaginamos que estes intelectuais seriam aqueles que Santos classifica como de “situação desfavorecida para qualquer das formas de capital consideradas” (1985, p. 40). É o caso, por exemplo, de Faustino Xavier de Novais (1820-1869), poeta a quem Camilo Castelo Branco escreve a carta que nos serve de epígrafe.

Faustino era “artífice” – para não utilizar o epíteto de “operário” pelo qual Gomes de Amorim ficou conhecido – tendo desempenhado a profissão de ourives. Estamos, portanto, de frente a um poeta que trabalhava com mercadoria de alto valor monetário e que, também por isso, tinha contato com membros da alta sociedade. Estes seriam seus principais consumidores. Estamos falando, claro, de joias, produto para pessoas com alto

poder aquisitivo. A estes, Novais castigava, como que se vingando, com seus versos. Sua produção literária, por outro lado, segundo Camilo, tinha como público “o povo, o povo inculto, o povo que satyrisa com um gesto zombeteiro” (BRANCO, 1865, p. 136). Se o povo não o entendesse, como castigar a “ralé engravatada”? Talvez por isso Camilo reclame da “satyra desaccurada da polidez tolentiana” do primeiro volume de poesias (1856) e indica que “o povo te entenderá agora a satyra mais esmerada, mais tersa, mais estudada, e, deixa-me assim dizer, mais fidalga” (BRANCO, 1865, p. 137). Poesias mais esmeradas, dizia Camilo, que quer dizer com mais capricho e perfeição. Porém, tratando-se de um ourives, vem à mente o esmeril, para afiar. Será?

Ainda atentos ao “juízo” de Camilo, reparamos no pacto do poeta com o demônio: uma troca. Não fazemos aqui crítica a essa forma de os poetas obterem inspiração. O próprio Camões propôs algo semelhante n’*Os Lusíadas*, apesar de serem tágides seus demônios: “Se sempre em verso humilde celebrado/ Foi de mi[m] vosso rio alegremente,/ Dai-me agora um som alto e sublimado,/ Um estilo grandiloq[u]o e corrente” (*Lus.* I, 4, 3-6). A questão é se, tal como afirma Camilo Castelo Branco, Xavier de Novais teria se arrependido. Observemos, então, como Faustino vê o papel do poeta e – por que não? – a questão da troca.

Já que relembremos a relação entre Camões e suas tágides, ater-nos-emos um pouco ao poema de Faustino “Á Musa”, com epígrafe de Tolentino. Sua musa parece mesmo estar arrependida dos versos que lhe deu, tanto que foge dele e se escusa:

Foge, foge, ingrata Musa,  
que a perder me tens lançado,  
Fazendo com que eu traduza  
Em chôcho palavriado  
O que ensinas, e se escuza!

Por tua causa, indiscreta,  
Reformar o mundo, torto,  
Pretende o louco poeta;  
Mas, se a fome o não tem morto,  
Morre cançado o pateta!  
(NOVAIS, 1856, p. 152)

O louco poeta! Quase lugar-comum do Romantismo, a loucura daqueles que não se adaptam ao mundo cada vez mais prosaico com o avanço do Capitalismo e que, por isso, pretendem mudá-lo. Não é difícil procurar exemplos: Eurico (1844), de Herculano; Carlos, de *Viagens na Minha terra* (1846), de Garrett; ou Maurício, de *Memórias de um doido* (1849-1859), de A.P. Lopes de Mendonça, que, como o próprio título mostra, é apontado como doido por não se adaptar ao mundo capitalista.

Novais ataca justamente essa musa que inspira os poetas românticos a quererem mudar o mundo. Não há ilusões nesse poema, apenas ressentimento. Sua musa é “cheia

de más intenções” e pretende ser curandeira, “destruir a vã loucura,/ Que é dos homens companheira,/ Em quanto que a vida dura?” (NOVAIS, 1856, p. 153). Há outra loucura além da dos poetas, “enquanto que a vida dura”. Mais do que durar, a vida é dura no mundo em que se precisa de dinheiro – e muito dinheiro, diga-se de passagem – para se não ser duro. Neste meio, a vã loucura é a vã cobiça de que nos fala o Velho do Restelo. Ou o dinheiro, de “Que o bom religioso verdadeiro/ Glória vã não pretende nem dinheiro” (*Lus.* X, 150, 7-8), que Maffei argutamente associa ao adjetivo vão (2009, p. 82). Contra essa vã loucura ou vã cobiça por vão dinheiro, morre o poeta cansado ou com fome! Lembremos os dentes “esfaimados” de Camões no poema de Tolentino<sup>2</sup>. São duas mortes lentas. Também o Camões, desta vez o da Sophia, o de “Camões e a tença”, onde está o verso “Este país te mata lentamente” (2004). Mata como? Por não responder ao chamado do poeta ou por ele ter de ir ao paço pedir uma tença? São as mesmas duas formas de matar o poeta – ou pateta, como Novais o chama. Se é contra o dinheiro que o poeta Xavier de Novais luta – seguindo a associação loucura-cobiça-dinheiro –, não se pode esperar que sobreviva economicamente nesta batalha. Inclusive porque, como ele fala à musa: “Não vês que, por mais que eu cante/ Nos tons que dás, escolhidos,/ Seja alegre, ou seja andante,/ Offendo certos ouvidos/ Com minha voz dissonante?” (NOVAIS, 1856, p. 157). Esta voz dissonante – e por isso mesmo não ouvida – não é muito diferente da de Camões que, cansado, no Canto X d’*Os Lusíadas*, também reclama com as musas: “No’mais, Musa, no’mais, que a Lira tenho/ Destemperada e a voz enrouquecida,/ e não do canto, mas de ver que venho/ Cantar a gente surda e endurecida.” (*Lus.* X, 145, 1-4). Por isso, Novais finaliza o poema: “Vai-te, vai-te, oh Musa audaz,/ Guarda o teu genio fecundo,/ toma um conselho efficaz:/ Deixa em paz o louco mundo,/Deixa-me viver em paz!”. (NOVAIS, 1856, p. 158).

Como viver em paz se o mundo é louco? Todos parecem estar em busca de uma fortuna opulenta. Faustino, apesar de não ser rico por ser poeta e, esquizofrenicamente, justamente por ser poeta, é solicitado a contribuir para o sustento de outros. Este é o mote do mordaz poema “No Álbum – do meu amigo J.C. Loureiro”. Por essa obrigação, o poema principia por um questionamento que demonstra a situação crítica em que se encontra: “Meus crimes quaes serão?... quaes os motivos/ Porque são contra mim mortos e vivos?” (NOVAIS, 1856, p. 211), uma vez que ele não tem posição social (“sem d’uma associação ter sido socio”), não entende de política, não sabe o que vai pelo mundo, não participa de diversões sociais como bailes e nem faz propaganda de si mesmo como outros fazem, em anúncios mentirosos, como ele acusa: “Os annuncios só lendo nas gazetas,/

---

<sup>2</sup> Os dentes do bom Camões

Sejão fieis testemunhas;

Muitas vezes esfaimados

Não acharão senão unhas;

(TOLENTINO, 1801, tomo II, p. 97)

Por causa do rancor que tenho ás petas;” (NOVAIS, 1856, p. 211). Lembremos o Cesário Verde que pouco mais de duas décadas depois confirmaria: “Nas letras eu conheço um campo de manobras;/ Emprega-se a *réclame*, a intriga, o anúncio, a *blague*” (2003, p. 31). Faustino e Cesário Verde são dois poetas que conhecem muito bem o “campo de manobras” do mundo editorial.

De Cesário partimos a Campos, que diria “Ah, que maçada quererem que eu seja de companhia!” (1999, p. 137). Ressentido por situação análoga à do heterônimo Pessoa, que mais de setenta anos depois indignar-se-á no também mordaz “Lisbon Revisited”, Novais pergunta: “Porque se vingam em mim a humanidade,/ Que massar-me aqui vem, sem piedade?”. (NOVAIS, 1856, p. 211).

A partir daí é uma série longa de “pegadas pelo braço”: assinaturas, subscrições, benefícios, bilhetes, rifas, cartas, obras e outras formas de obter dele sua “*respeitavel assistencia*” “e a bolsa magra, assim, vendo ultrajada” (NOVAIS, 1856, p. 212). Após tantas solicitações, ainda lhe pedem para fumar seus cigarros. “Áquelle, porque tem patrão que ralha,/ E em quanto occulto fuma não trabalha?” (NOVAIS, 1856, p. 213), enquanto ele precisa trabalhar para poder comprar cigarros e fumar. O fumo, momento de ócio para esses amigos de Faustino, é escape – ou reação – aos livros mais bizarros para Cesário que chega a fumar “três maços” “consecutivamente” para abafar (com a fumaça?) “desesperos mudos”. A maçada seguinte para Faustino Xavier de Novais é o pedido, também “mudo”, para escrever num álbum:

Tão pouco isto será, que mister seja  
 Dos Albuns a mania – que forceja  
 Por lançar-me nas garras do *Polido*,  
 Onde poetas mil já tem cahido? –  
 E de que serve um Album – pobre mudo,  
 Que pede sem fallar, recebe tudo,  
 E andando a mendigar no mundo á tôa,  
 Morre com fome, enfim, de cousa bôa?

Quem tem por gosto lêr semsaborias,  
 Não encontra jornaes todos os dias?  
 Quem dá subido apreço a frioleiras,  
 Ou, não contente assim, deseja asneiras,  
 Não pôde algum lugar procurar, onde  
 Vá ouvir discorrer algum visconde?  
 Um Album de que serve? – inda o repito –  
 E porque em tantos, eu, já tenho escripto?  
 – É porque o mundo diz que sou poeta,  
 E eu que o pude crêr, fiz-me pateta! –

De versos hei-de encher um livro inteiro,  
 A ver se alguém quer têl-os por dinheiro!  
 (NOVAIS, 1856, p. 213)

Essa “mania”, termo utilizado para designar desvios psicológicos, é o lado esquizofrênico do poema. O álbum, pobre, pede mudo. Este pedido não audível é atendido, enquanto o do poeta – lembremos o poema anterior – não o é. O álbum mendiga, mas, mesmo recebendo “tudo”, morre de fome como mendigos, mas fome de “cousa boa”. Lembremos que este poema foi escrito precisamente num álbum! Justamente o repositório de versos sem valor. Assim, lembrando mais uma vez Camões, “se tão sublime preço cabe em verso” (*Lus.*, I, 5, 8), não é sublime a poesia dos álbuns, como não seria também a de Novais, seguindo seu raciocínio (“E porque em tantos, eu, já tenho escripto?”). O problema do mundo é a recepção. Camões tinha a voz enrouquecida, “e não do canto”. O “sublime preço”, ou “subido apreço”, é dado não “aos feitos da famosa gente vossa”, como diria o poeta na invocação às musas n’*Os Lusíadas*, mas a “frioleiras”, feitos sem importância. Se o que o público quer é poesia ruim, sensaborias como as que encham os jornais, e isso é mania, que a tenha por dinheiro! Se poemas são esmolos, valem alguma coisa, o melhor é vendê-los.

Seria difícil vender poemas? Um ourives deve saber convencer o comprador a levar o seu produto não apenas pelo valor do metal, mas também pelo do seu trabalho. “Aureo metal! que mysterios/ encerra esse brilho teu!”, exclama Faustino nos primeiros versos de seu poema “O Ouro”. Novais deveria saber lidar bem com este metal como ourives, o problema é a vida de poeta, que pode morrer de fome, como ele mesmo afirmou em outro poema. Por isso, fala ele ao ouro; “Para ser-te inda fiel! –/ De ti, só eu tenho queixas!/ Foges-me – bem que me deixas/ A penna – a tinta e o papel!”. (NOVAIS, 1856, p. 128). A vida de poeta não traz ouro, apenas poesias.

Apesar disso, Faustino é o editor de um dos jornais literários do Porto da década de 1850, *O Bardo* (1852-1854).

Estas colectâneas permitem hoje reconhecer uma evolução significativa quanto à intenção e à estrutura formal da poesia em moda. O contemplativismo lamartiniano, o pessimismo funéreo, o folclorismo convencional não deixam de manter-se através de todo o período considerado, mas cedem espaço a temas humanitários e progressistas cada vez mais sensivelmente influenciados pela indignação de Vitor Hugo contra as condições sociais e políticas então imperantes. (SARAIVA & LOPES, 2005, p. 758).

Podemos lembrar que foi também no Porto, no *Repositório Literário*, que Alexandre Herculano, em 1834, publicou o primeiro “manifesto” do Romantismo português. É também do Porto que saem as narrativas de Júlio Diniz e Camilo Castelo Branco. A cidade encontra, durante a Regeneração, grupos de alta burguesia e uma massa de lojistas, pequenos funcionários e filhos da pequena burguesia da cidade e das províncias do Norte, de onde saem, via de regra, os jovens escritores. (SARAIVA & LOPES, 2005). Há, portanto, na maior cidade do Norte do país, certa tradição pela novidade estético-literária no século XIX.

É importante perceber que, em Novais, essa “indignação” atinge também o campo “das Letras”, atacando o gosto do público, o fazer poético e, sobretudo, refletindo sobre o exercício do poeta nesse meio, como podemos ver no poema “Introdução do Bardo”, que servia ao seu título.

Eis ahi mais um jornal  
De versos, á luz do dia!  
E ninguem tome isto a mal;  
Haja, ao menos, de poesia  
Abundancia em Portugal.

Esses vates, escolhidos,  
Que n'esta empreza afanosa  
Se acham, comigo, envolvidos,  
Pela lyra sonora  
Se tornaram conhecidos.

Foi isso que me excitou  
Leda esperança, e se espero  
Vir a ser o que não sou,  
Por tal caminho só quero  
Chegar onde alguém chegou.

Não vem de taes intenções  
Ao meu nome algum desdouro;  
Também tenho pretensões  
A c'roas, se não de louro,  
Ao menos, de dez tostões.  
(NOVAIS, 1856, p. 15-16)

Seu desejo parece ser o de “Portugal, país de poetas”: “Haja, ao menos, de poesia/ Abundância em Portugal”. Esses votos indicam, contudo, numa carestia nacional, pelo “ao menos” colocado ao meio do verso. Afinal, o Portugal “cabeça da Europa” passara há muito. A Modernidade vinha de fora. A alta-burguesia era sobretudo de ingleses e “brasileiros”. Castilho, poucos anos antes, no *Estreias Poetico-Musicaes para o Anno LIII* (1853), pedia pelos pobres agricultores. A utopia de Xavier de Novais é mais literária, talvez pelo ceticismo quanto a uma mudança mais densa na sociedade.

Não quer isso dizer que o ofício do poeta é menos pesado. Estar no mercado implica responsabilidades. O trabalho dos vates é uma “empreza afanosa”. Um substantivo e um adjetivo que escondem certa complexidade. Claro que o poeta está se referindo à lida de fazer versos ou de editar o jornal, mas não podemos esquecer que “empresa” é o nome que se dá a uma organização comercial constituída para explorar algum ramo ou negócio. Os vates não estariam fazendo poesia simplesmente para abundar Portugal de versos mas também em busca de dividendos para que eles deixem de “morrer de fome”, como no poema “A Musa”. Contudo, este serviço “afanoso” não é apenas cansativo. Afã é também

aflição, ansiedade, inquietação, que nos remete ao desassossego de um Bernardo Soares que, como ajudante de guarda-livros, poderia muito bem ter um emprego nesta “empresa”.

Vejamos o que excitou Faustino a começar esse empreendimento. Ele quer vir a ser o que não é e “chegar onde alguém chegou”. Sendo ele um poeta pobre, como se apresenta em outros poemas, num país onde há muita carência, acreditamos que ele queira ser rico. Afinal, os vates escolhidos para comporem a empresa se tornaram conhecidos e esta é a melhor forma de conseguir vender seus poemas. Entretanto, o que nos causa afã é o objetivo de “chegar onde alguém chegou”, que demonstra o desejo de não ser um herói lusitano. Camões canta o feito de portugueses que seguiram caminhos “nunca d’antes navegados” (*Lus.* I, 1, 3), “por vias nunca usadas, não temendo” (*Lus.* I, 27, 3) por “os mares nunca de outrem navegados” (*Lus.* V, 37, 3). Novais não quer ser o poeta que precisa ir ao paço pedir uma tença, ainda mais sendo de uma cidade onde os ricos são ingleses ou os chamados “brasileiros”. Se Garrett elevava Camões e seu livro, Novais parece perceber, antes de Cesário, que Camões é um “épico d’outrora” que “ascende”, mas “num pilar” (VERDE, 2003, p. 73). Mais cético também, ele quer ser conhecido, como os vates escolhidos, assinalados. Os barões da Regeneração são os que têm fama e os que são ricos. Lembremos o Carlos, também do Garrett, que virou barão. “Ó glória de mandar, ó vã cobiça/ Desta vaidade a quem chamamos Fama!/ Ó fraudulento gosto, que se atixa/ cûa aura popular, que honra se chama!” (*Lus.* IV, 95, 1-4). Se não conseguir coroas de louro, que sejam de dez tostões. Se não ganhar fama, que ganhe dinheiro! Mais adiante neste poema ele dirá: “Sou homem, aspiro á fama,/ E assim, sem mais comprimento,/ Eis-aqui o meu programa.” (NOVAIS, 1856, p. 16). Reparem que o programa deixou de ser do jornal para ser o dele. O periódico é apenas um “caminho” que outros intelectuais portugueses do século XIX trilharam:

A actividade periodistica ganha prestígio e os que a ela se dedicam, mesmo com carácter exclusivo, sobem na consideração social e até conseguem alcançar altos lugares na vida política. [...] Os jornalistas, além de atingirem lugar de relevo na vida intelectual, veem abrir-se-lhes de par em par as portas dos salões da alta burguesia e da aristocracia. (TENGARRINHA, 1989, p. 192).

Já que falamos de caminhos que outros seguiram, podemos lembrar os de Herculano e Castilho como redatores de periódicos. Os dois atacavam a pirataria literária, ação comum na época. O exemplo de Faustino não será, contudo, esses dois poetas, mas aqueles que eles combateram: “D’afamados escriptores/ Pilharei *lanças, arnezes,/ Estrellas, prados, e flôres;/* Roubarei, até, mil vezes/ A paciência aos meus leitores.” (NOVAIS, 1856, p. 16). Parece que seus leitores não têm mais paciência com esses temas. Afinal, até mesmo António Feliciano de Castilho diria em uma carta a Silva Tulio, então redator d’*A Semana*, em janeiro de 1851, que “já lá vai o tempo em que a poesia era só um monte de amenidades, povoado de bellas virgens, tocando, cantando e dançando.

Hoje a poesia, quer este seculo laborioso e forte, que seja fecunda, activa, séria, religiosa, agricultora, operaria e fraternal”. (CASTILHO, 1853, p. 57).

Copiando o que é lugar-comum no Romantismo, não dirá nada, completa ele no fim do poema. Mas, afinal, qual o projeto de Novais? Se levarmos em consideração tudo o que ele pretende fazer em seu programa, repetirá o que muitos poetas fizeram e terá, mesmo assim, fama ou, ao menos, dinheiro. Não podemos, entretanto, esquecer que ele segue a linha satírica de Nicolau Tolentino. É momento de observarmos a epígrafe de Tolentino ao poema “Á Musa”: “Deixa ir o mundo seu passo;/ E contra si mesmo armado/ Côte c’um braço o outro braço;/ Põe na bôca um cadeado,/ Faze o que eu mil vezes faço.” Se a epígrafe costuma vir antes, talvez ela devesse servir também à “Introdução do Bardo”. “Faze o que eu mil vezes faço” é uma forma de “chegar onde alguém chegou”. Esse poema desmente-se a si mesmo, ou melhor, “corta c’um braço o outro braço”, pois, o que ele não faz é seguir a moda e não dizer nada. Ele diz muita coisa, ataca o fazer poético que só visa fama e dinheiro ao mesmo tempo em que tem a mesma pretensão. É isso realmente uma “empresa afanosa”, pois é preciso estar “contra si mesmo armado”.

Sobre o mesmo periódico podemos ler o poema com título mais do que atual: “O fim do mez”:

Lá chega um assignante, impertinente,  
 “O Bardo quando sahe?” diz muito serio:  
 Pergunta, para os mais, tão innocente,  
 Envolve, para mim, fundo mysterio:  
 Estará pelo vêr impaciente?  
 Será isto elogio, ou vituperio?...  
 Pesada obrigação! horrível fardo!  
 Quem deu tostões oito tem jus ao *Bardo*!  
 (NOVAIS, 1856, p. 19)

Ora, se o objetivo era só ganhar dinheiro, como poderia ser um assinante, “impertinente”? Terá ele, ao fim do mês, de compor algo para o jornal, com uma musa que é “pobre” e “mesquinha”.

“Poeta!... não... perdão... que foi engano!  
 Versejador, apenas, como tantos  
 Que rimam, por ahí, com fogo insano,  
 E o povo fazem rir, com *tristes* cantos;  
 Alto valor mostrando, mais que humano,  
 Em *martyrios* soffrer, propios de santos!...  
 Oh vates infelizes!... causaes pena!...  
 Que grande alma!... Que veia tão pequena!...  
 (NOVAIS, 1856, p. 20)

Os “tristes cantos” dos poetas românticos são motivo de riso. O público de Faustino não é o mesmo dos demais vates, como afirmou Camilo. Ao contrário do que dirá Pessoa,

nem “tudo vale a pena” se “a alma” não for “pequena” (PESSOA, 2003, p.29). Esses vates atacados por Novais têm a alma grande, com grandes sofrimentos. Cantos inspirados em Camões, por que não? “Alto valor mostrando, mais que humano”. O gerúndio, comum ao poeta d’*Os Lusíadas*, ajuda a ligar este verso aos “mais do que prometia a força humana” (*Lus.* I, 1, 6) e “que outro valor mais alto se alevanta” (*Lus.* I, 3, 8). Os “vates infelizes”, de quem nos fala Novais, são ultrarromânticos, com sentimentos “mais que humanos”. Eles podem tentar imitar o bardo do épico, mas seu alto valor é apenas mostrado, exibido, pois querem fama, enquanto têm veia pequena. Assim, causam pena, que é o pesar do poeta e fonte de inspiração, para escrever seus poemas.

Um *grande*, muito irado, me dizia:  
Se essa língua, mordaz, se não esconde,  
Fecho-te a loja, e faço-te *visconde!*

Irra!... feito *visconde!*... um pobre artista  
Mettido em danças altas, quem o atura?  
Sem bens, sem criação, por mais que insista,  
Ha-de sempre fazer triste figura:  
[...]  
(NOVAIS, 1856, p. 20)

Novais assume que sua veia poética ataca os grandes. Deixaremos, por ora, a discussão sobre o empenho de Garrett, Castilho e Camilo para receberem o título de visconde, a par do esforço de Herculano para não receber honraria alguma. Dentre esses, Camilo pergunta a Novais “Como foi que a fidalguia d’estes reinos te não contundi os lombos, com o cabo da enxada, herdada dos avoengos?” (BRANCO, 1865, p. 135). Decerto porque os tempos não são os mesmos de Tolentino.

Se o poeta, mesmo revolucionário e mordaz, virar visconde, entrar para a política, fazer parte do governo, deixará de criticar a sociedade. Porém, Faustino não acredita que isso funcionará com ele, “ha-de sempre fazer triste figura” por ser pobre e sem criação. Assim, não vale a pena fecharem-lhe a loja. Loja?! Não seria redação? As duas profissões confundem-se, ou o objetivo de conseguir algum dinheiro por seus poemas se mantém e o alvo de sua crítica também.

No soneto “A um novo poeta”, com conselhos ao seu destinatário: “Se desejas ter d’ouro a bolsa cheia,/ Tentar ganhal-o assim, é ser maluco;/ Cava-o na estrada, á ponta de trabuco,/ E elle te livrará d’ir á cadeia!” (NOVAIS, 1858, p. 202). Mais uma vez a associação entre poeta, loucura, pobreza. Além da indignação ao poder do ouro, que tudo corrompe. Ele é mais um dos que lamentam a falta de dinheiro, no soneto intitulado propriamente “Ao dinheiro”: “É mil vezes fatal tua ascendência,/ Á virtude e ao saber és sempre adverso,/ Quem teu poder maldiz, em prosa ou verso,/ Lamenta, com pezar, a tua ausencia!”. (NOVAIS, 1858, p. 224).

Pensando no papel de poeta, Faustino de Novais escreve o “Pretensões”. O título já nos deixa um tanto quanto intrigados. A falta de uma ortografia fixa no século XIX – assunto de várias críticas de Garrett e Castilho – torna obrigatória hoje a polissemia: *pretensões*, como ambições ou aspirações; *pretensões*, como desejo cuja realização é improvável; e *pré-tenções*, relacionado à tença (mais uma vez o caso do Camões). Afinal, o próprio autor nos atiça a curiosidade para a polissemia de certas palavras: “É cumprido o meu desejo./ = Quando digo que é *cumprido*,/ *Cumpriu-se* – digo sómente;/ Não digo que – *não é curto*,/ Como lerá certa gente,/ Que tendo, embora, entendido,/ – Ao bom senso faz um furto,/ Por ferrar, depois, o dente. =” (NOVAIS, 1858, p. 11). Correndo o risco de furtar – sabendo que quem furta se apossa de algo que não era previamente seu – ao bom senso, imaginamos ser possível um poema sobre algo antes da tença, ou que ambiciona a tença por determinado meio, ou que simplesmente não tem tença, sobre o que voltaremos a falar após comentarmos esse poema, que começa assim:

Quero também ser poeta,  
 Bem pouco, ou nada, me importa  
 Se a minha veia é discreta,  
 Se a via que sigo é torta:  
 Depois de ter dito – “quero” –  
 Sou Alexandre, no fogo,  
 Contra os críticos sou Nero,  
 Tente, embora, o mais austero  
 Suffocar-me o desafogo;  
 Se hei-de ser segundo Homero,  
 Se hei-de ser outro Virgílio,  
 Lá no futuro um concílio  
 Dará decisão: – famosa,  
 Se os versos que fazer tento  
 Não forem rasteira prosa!  
 (NOVAIS, 1858, p. 5-6)

Para querer ser poeta tem-se que lutar contra os críticos. “Sou Alexandre” [Magno?], grande guerreiro e conquistador, afirma Novais. Nas letras, também ele conhece um campo de manobras! A fama acompanha o prêmio. De nada adianta tentar impedir o “desafogo”, despreocupação financeira, se ele será tido como Virgílio ou Homero. Tudo isso se sua poesia não for “rasteira prosa”, o que é uma dificuldade. Para evitar qualquer contrariedade, busca instrumentos e musas que mais se adaptem:

Mas eu quero – e n’um momento,  
 Se não sei pulsar a lyra,  
 Lanço hoje mão da bandurra.  
 – Se o Pegaso se retira,  
 Eu monto na minha burra,  
 Que por ser fêmea, me inspira!  
 E assim, com todo o espanto,  
 Dou entrada ao Parnasso,

Direito como um sargento,  
Sendo inda soldado raso;  
Mas não faça o povo caso,  
Deixe andar o disparate,  
Que eu dou vivas á poesia,  
Porque é moda, hoje, o ser vate,  
E eu sigo a moda do dia,  
Sem me importar a massada  
Do crítico impertinente,  
Que, de venta arreganhada,  
Vae mordendo em toda a gente!  
(NOVAIS, 1858, p. 6)

A bandurra é um instrumento espanhol de seis pares de cordas utilizado em músicas populares, o que impõe um ritmo local ao seu canto. Para isso, ou talvez por isso, sua musa não é uma linda virgem ou épicas tágides, mas a burra. Além de substituto do Pégaso, ignorando a mitologia como tema para sua poesia, a burra é o objeto onde se guardam objetos de valor e dinheiro! Quem tem o cofre como musa não pode esperar mais do que riquezas. Afinal, ele não é poeta por nenhuma razão nobre, mas porque é a moda do dia. Não entraremos aqui na discussão sobre quem dita a moda, apenas lembraremos sua relação com o capitalismo industrial e o consumo. Ou, nas palavras de Jorge da Silveira, “uma questão de moda é sempre uma questão interessante. Acho-a tão interessante que suspendo estas considerações, talvez incompletas, em nome de outras inquietações” (1995, p. 79). É justamente inquieto com a questão do consumo que encontramos Novais:

Não vemos nós quem, por vicio,  
Faça, opondo guerra a tantos,  
Movendo muito bulicio,  
Poemas em muitos cantos?  
O poeta é baptizado  
Com diffamante appellido;  
*Mas que tem ser caçoado*  
*Em quanto o livro é vendido?*  
(NOVAIS, 1858, p. 7 – grifos nossos)

Não importam as críticas, desde que seu livro seja vendido. Ora, se for vendido, será lido, terá público. Para vender muito, seu alvo deve ser necessariamente o povo. A cultura de massa é feita para vender muito, com o povo como destinatário, sem temer as críticas. Contudo, não imaginamos ser este o caso de Faustino Xavier de Novais. Seu problema com os críticos é outro. Os temas de grande parte de suas poesias são os mesmos que o crítico anônimo na *Revista Universal Lisbonense* questionava em Tolentino<sup>3</sup>, comentando

3 Para interessar o público, para grangear os applausos da posteridade, é necessario mais alguma coisa que petições de miseria, e versos que so fallam de *Irmans famintas*, e com os *filhos ao collo*, de *tripodes de pinho*, de *palmatoria*, de *rapazes damninhos*, e de peditorios de uma occupação, e outras similhates bagatellas, por muito ingenhoso e engraçado que seja o estylo em que estejam escriptas. (*Revista Universal Lisbonense*, 07/10/1847, p. 474)

que ninguém gostaria de ler poesias sobre isso. Em vez de poemas de primaveras, flores, amores, cemitérios e lua de apaixonados, Faustino critica o tempo todo essas temáticas, a vanglória desses poetas e a reação da crítica. Ele segue “uma via torta”, é “um vate canhoto”. Um poeta *gauche*, reclamando da boa recepção que poetas “improvisados”, “tolos”, vazios, tinham:

De tolos de grande vulto,  
Muitos tolos inda temos,  
A quem os tolos prestam culto,  
Porque a si se não conhecem;  
E é por isso que nós vemos  
Que, em toda a parte, aparecem  
Poetas improvisados:  
– Ou no jornal ou no outeiro,  
Uns aos outros encostados,  
Ao Parnaso vão trepando,  
E, inda que vão mascarados,  
Mal, ou bem, lá vão entrando;  
E ha cabeças sem miôlo,  
Ha muitos corpos sem almas,  
Que se, em verso, falla um tolo,  
Dão logos bravos e palmas!  
(NOVAIS, 1858, p. 8-9)

Antero de Quental, sete anos mais tarde, na famosa carta “Bom-senso e bom gosto”, dirigida a Ant3nio Feliciano de Castilho, far3 a mesma reclamação. A poesia, segundo Quental, precisa “de sacrificio do eu 3s tristezas e miserias da humanidade” (1865). Quais poetas far3o isso?

Para este grande trabalho 3 que se querem os grandes homens. Sahir3o esses heroes das academias litterarias? das arcadias? das sinecuras opulentas? dos corrilhos do elogio-mutuo?[...]

F3ra d’essa atmosphaera corrupta, e, quando n3o corrupta, pelo menos esterilizador, 3 mais provavel encontrarem-se as condiç3es que precisam para viver e crescer os homens uteis e necessarios 3s transformaç3es do espirito humano. (QUENTAL, 1865, p. 10)

3 nesta “atmosphera corrupta” “dos corrilhos do elogio-mutuo” que nos conta Antero que est3o os mesmos que “d3o logo bravos e palmas” quando “em verso, fala um tolo”. Contra tudo isso, Novais diz que saber3 alarmar a cidade, “como se eu fora uma empada,/ e os meus cr3ticos mosquitos,/ todos com fome damnada” (NOVAIS, 1858, p. 9-10). Novais parece ser o poeta da fome. No poema “3 Musa”, diz “sem que o bom senso te diga/ que est3 calada a consciencia,/ em quanto falla a barriga?” (NOVAIS, 1856, p. 153), o 3lbum que pede sem falar “morre com fome, emfim, de cousa b3a” (NOVAIS, 1856, p. 213). Em “Pretenç3es”, as refer3ncias 3 comida s3o v3rias. Quando pensa no que fazer para agradecer o p3blico, diz: “cantarei *urze e carqueja*”, “cantarei *doces* amores”,

“e gastando em cada canto/ *meia pipa* de ternura”, “A Patria, velha e cançada,/ Ha-de, tambem, dar-me assumpto,/ De versos para a *fornada*,/ Mais gorda que um *caldo d’unto*,/ Mais viçosa que *sallada*” (NOVAIS, 1858, p. 10-11 – grifos nossos). Em meio a toda essa comida, ele próprio será motivo para a *empada* dos críticos. É Camilo quem explica a metáfora quando diz não fazer “juízo crítico” das obras de Novais:

Declaro a ti e á Europa que nunca me passou pela idéa escrever uma chorumenta e condimentosa analyse aos teus versos. Nunca andei forrageando nas searas estrangeiras um cabaz de sentenças em latim! (oh! em latim!) para convencer-te de que... ha excelentes coisas escriptas em latim. Menos ainda me preveni com um estirado exordio, prenhede de philosophias, e physiologias, e estheticas, e plasticas, e não sei que outros recheios indigestos com que por ahi se costuma empapar o magro perú. Aqui *perú* é synonymo de critica. Vê tu que mal encabeçada vai já a carta!

Vão agora berrar contra mim os bôrras da critica, os cozinheiros dos empadões litterarios, que travam áquelle ranço allemão, tão ingrato aos paladares caprichosos dos teus e dos meus leitores, que querem a iguaria acirrante, leve ao estomago intellectual, e digna de se esquecer uma hora depois. (BRANCO, 1865, p. 129-130).

Para não definhar nessa luta de fome contra a crítica, o vate não pode ser Camões, “Numa mão sempre a espada, e noutra a pena” (*Lus.* VII, 79, 8), ou terá seu mesmo destino. “Ao vate, como ao guerreiro;/ A este para ter gloria,/ A aquelle, se arma ao dinheiro,/ Por não andar sem camisa!” (NOVAIS, 1858, p. 10). O poeta que se arma de dinheiro é que pode dizer à fama: “és minha!”. Mas isso não é para todos.

É certo que, se o dinheiro  
Abre ao inferno o caminho,  
Quem tem do vate a mania,  
Morrendo como um carneiro,  
Vae para o ceo direitinho;  
E, tambem, erro seria  
Não subir ao ceo rotundo,  
Quem, no fogo da poesia,  
Teve o inferno n’este mundo:  
– Inferno de desalentos,  
De torturas incessantes,  
De fartura de tormentos,  
De fome de consoantes,  
De mordeduras nas costas,  
De incenso pôdre nas ventas,  
De aviltadoras propostas,  
De muitas cousas nojentas,  
De paixões mal empregadas,  
De attribuidas asneiras,  
De illusões aniquiladas,  
De... cotão nas algibeiras.  
(NOVAIS, 1858, p. 11-12)

Se o céu é para os que sofreram neste mundo, quem teve o inferno no fogo da poesia merece, após a morte, o paraíso. E é bem infernal a vida do louco, “que tem do vate a mania”, pois tem que aguentar fome, ataques, a beatice da vida social portuguesa e a corrupção das letras, para, afinal, ter aniquiladas suas ilusões e terminar pobre, só com “cotão nas algibeiras”.

Com essa vida de denúncia impede-se a ascensão social. É preciso fazer o pacto com o demônio, única forma de fugir do inferno. De qualquer forma, não era ele o único que buscava nova posição enquanto criticava alguns meios de a conseguir.

Também em *Novas poesias*, está esse desejo. “Um novo Paturot” representa bem esta ideia. Jérôme Paturot é um personagem de Louis Reybaud (1799-1879) que fez muito sucesso no século XIX. Há várias edições francesas, inclusive ilustradas, e até mesmo uma tradução para o português<sup>4</sup>. Este personagem é título de dois romances: *Jérôme Paturot à la Recherche d’une Position Sociale* (1842) e *Jérôme Paturot à la Recherche de la Meillure des Républiques* (1848). Os que buscavam uma ascensão social eram chamados de Paturots. Tanto que Camilo, em “O cego de Landim”, diz que o Brasil é o país prometido aos eternos Paturots.

O assunto desse poema, como não poderia deixar de ser, está na epígrafe, de Filinto Elísio: “Nós somos filhos d’Eva cubiçosa;/ Inda em nós lavra d’Eva peccadora/ A nodoa original...”. Nosso pecado original é a cobiça. Não é à toa que ela aparece em Camões, Filinto, Faustino, *et alii*.

“Porque não buscarei posição nova?” (NOVAIS, 1858, p. 74) Reclamando de sua situação, o Paturot de Faustino resolve enriquecer: “Resta só descobrir meio seguro/ De vir a ser na terra um potentado!” (NOVAIS, 1858, p. 75). Talvez casando com mulher rica, “Se a filha fôr de paes velhacos... tontos.../ Que importa?... se trouxer duzentos contos.../ É bem bom!”, mas acaba desistindo da ideia.

A sátira a uma situação da época parece uma visão de que a situação só tendia a piorar. Se hoje somos cada vez mais controlados pelo sistema, sem atitudes e decisões verdadeiramente subjetivas, Novais já anunciava: “o progresso, hoje em dia,/ já domina os portugueses”. Tudo vira mercadoria e recebe um rótulo, inclusive o próprio dinheiro. Não levou “poucos meses”, mas, no nosso “hoje em dia”, utilizamos cada vez menos dinheiro em espécie e mais dinheiro com rótulo, e quem diz rótulo diz bandeira de cartão de crédito. É isso sinal de riqueza? Em *A queda dum anjo* (1862), o deputado pelo Porto, Libório, queria medir a riqueza das nações pelo volume de seu luxo.

Então, sim... terei riquezas,  
Fartarei minha cubiça,  
Sem ir curvar-me á justiça,  
Fazer com ella despesas!

<sup>4</sup> *Jerónimo Paturot em procura d’uma posição social*. Lisboa: Typographia da Rua do Almada, 1849.

Mais não penso em taes emprezas,  
Buscarei viver contente:  
Com este meu genio ardente,  
ondo de parte honra e brio,  
Sou feliz, sendo vadio,  
Que assim vive muita gente.  
(NOVAIS, 1858, p. 79)

“Sou feliz, sendo vadio”. Não tem trabalho. Luís Maffei, em seu texto já citado, aceita o desafio de Jorge Fernandes da Silveira: “o leitor esperto poderia propor-se uma pesquisa sobre o *desemprego em Campos...*” (SILVEIRA, 1995, p. 195). Seguimos aqui outro desafio. Na segunda metade do século XIX o “desemprego” não é muito diferente do de Campos. O “épico d’outrora” está cercado de “exíguas pimenteiras” na visão de Cesário no poema “Sentimento dum Ocidental”. Álvaro de Campos dirá: “Pertença a um gênero de portugueses/ Que depois de estar a Índia descoberta/ Ficaram sem trabalho.” (PESSOA, 1999, p. 12) No mesmo poema, “Opiário”, estão os ingleses. Os mesmos que enriquecem no Porto da Regeneração. Maffei aponta como um dos traços da poesia moderna do século XX, ou de fins do XIX (com Cesário), a percepção do poeta como um “gênero” de desempregado por excelência.

De acordo com Novais, para os poetas que seguem a moda e cantam o que se espera, cheio de lugares-comuns, vangloriando a pátria e a natureza etc., a vida é de fama. Porém, para isso é preciso corromper-se, fazer o pacto com o demônio, participar dos corrilhos do elogio-mútuo de que nos fala Antero. O fazer poético mordaz é visto por Faustino como um vício, do qual ele não se livra, mal pago, levando o poeta a morrer de fome. Apesar de saber disso e atacar essa situação, não consegue ser mais um tolo a aplaudir outros tolos.

Desde o início do século XIX em Portugal, podemos ver o poeta reclamando tanto da falta de dinheiro quanto da pouca valorização dada a seus cantos. Podemos começar com o “Camões”, de Garrett, ou com algumas críticas de Tolentino. É claro que havia certa idealização do papel da poesia naquela sociedade, como a rigidez de Herculano demonstra. Entretanto, a percepção de que uma vida de eremita – como muitos chamavam a de Alexandre Herculano na Ajuda e em Vale de Lobos – não era para todos, foi tomando conta das mentalidades, sobretudo dos poetas com maiores dificuldades financeiras, como Xavier de Novais.

Faustino não se considera desempregado, tal como Álvaro de Campos, apesar de presenciarem situações semelhantes. Ao que parece, no Liberalismo não há poetas desempregados, seu emprego é “pedir”. O Camões de Garrett vai ao paço pedir. O novo Castilho de 1853 pede pelos pobres e pelas crianças. Xavier de Novais pede a todos, ao diabo, à musa, ao dinheiro, etc., ao mesmo tempo em que critica todos os meios em que os vates da moda de sua época alcançam honrarias e fazendas. Apenas Herculano parece estar gritando pela moral – “tudo é sonho vão”.

**REFERÊNCIAS:**

- ANDRESEN, Sophia de M. B. *Dual*. Lisboa: Caminho, 2004.
- BRANCO, Camilo Castelo. *Esboços de apreciações litterarias*. Porto: Em casa da viúva Moré Editora, 1865.
- \_\_\_\_\_. *A queda dum anjo*. São Paulo: Ática, 2002.
- CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Edição organizada por Emanuel Paulo Ramos. Porto: Porto Editora, 1978.
- CASTILHO, António Feliciano de; PINTO, F.N. dos Santos. *Estreias poetico-musicas para o anno LIII*. Lisboa: Typ. Universal, 1853.
- \_\_\_\_\_. Propriedade litteraria. In: *Revista Universal Lisbonense*, nº 12, 8 de dezembro de 1842. v. II. Série I. Lisboa: Imprensa Nacional, 1843.
- GARRETT, Almeida. *Viagens na minha terra*. 2 v. Lisboa: Typographia da Gazeta dos Tribunais, 1846.
- \_\_\_\_\_. *Obras de Almeida Garrett*. v. II. Porto: Lello & Irmão, 1963.
- HERCULANO, Alexandre. *Eurico, o presbítero*. 41. ed. Amadora: Bertrand, [s.d.].
- \_\_\_\_\_. Da propriedade litteraria. In: \_\_\_\_\_. *Opúsculos II*. 6. ed. Amadora: Bertrand, [s.d.].
- \_\_\_\_\_. *Poesias*. 14. ed. Edição definitiva conforme com as edições da vida do autor. Dirigida por David Lopes. Amadora: Bertrand, [s.d.].
- LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. *Revolta e melancolia: o romantismo na contramão da modernidade*. Tradução de Guilherme João de Freitas. Petrópolis: Vozes, 1995.
- MAFFEI, Luis. O desemprego em Campos – mais certos biscates de Cesário e Sá-Carneiro, Camões às voltas com uns relógios de ponto e Soares cômico de que é preciso dinheiro para viajar à China. In: \_\_\_\_\_. *Relâmpago*, n. 25 – outubro de 2009. p. 75-92.
- MARTINS, Oliveira. *Portugal contemporâneo*. v. II. Lisboa: Guimarães Editores, 1996.
- MENDONÇA, A.P. Lopes de. *Memórias de um doido*. Edição crítica, comparativa das 1ª e 2ª edições (1849 e 1859) – estudos e notas de José Augusto França. Lisboa: INCM, 1982.
- NOVAIS, Faustino Xavier de. *Poesias*. Segunda edição mais correcta e augmentada. Porto: Typographia de Sebastião José Pereira, 1856.
- \_\_\_\_\_. *Novas poesias*. Acompanhadas de um juizo critico de Camillo Castello-Branco. v. 2. Porto: Typographia de Sebastião José Pereira, 1858.
- PATO, Raymundo Antonio de Bulhão. *Sob os ciprestes: vida intima de homens illustres*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1877.
- PESSOA, Fernando. *Poemas de Álvaro de Campos*. Edição de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

QUENTAL, Antero. *Bom-senso e bom-gosto*: carta ao Excellentíssimo Senhor Antonio Feliciano de Castilho. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1865.

REYBAUD, Louis. *Jérôme Paturot à la Recherche d'une Position Sociale*. Dixième Edition illustrée par J.J. Grandville. Paris: J.J. Dubochet, Le Chevalier et Cia. Editeurs, 1848.

\_\_\_\_\_. *Jérôme Paturot à la Recherche de la Meilleure des Républiques*. Édition Illustrée par Tony Johannoy. Paris: Michel Levy Frères, Libraires-Editeurs, 1849.

SANTOS, Maria de Lourdes Costa Lima dos. *Intelectuais portugueses na primeira metade de Oitocentos*. Lisboa: Presença, 1985.

SARAIVA, António; LOPES, Óscar. *História da literatura portuguesa*. 17. ed. Corrigida e Atualizada. Porto: Porto Editora, 2005.

SILVEIRA, Jorge Fernandes. Álvaro de Campos: o desempregado da Campanha das Índias. In: \_\_\_\_\_. *Letras – Revista do Mestrado em Letras da UFSM (RS)* n. 69-84. Edição especial, jan/jul, 1995.

TENGARRINHA, José. *História da imprensa periódica portuguesa*. 2. ed. Edição revista e aumentada. Lisboa: Caminho, 1989.

TOLENTINO, Nicolau, *Obras poéticas*. 2 tomos. Lisboa: Régia Offic. Typ., 1801.

VERDE, Cesário. *O livro de Cesário Verde*. Porto Alegre: L&PM, 2003.

### **MINICURRÍCULO:**

Eduardo da Cruz é Doutorando em Estudos de Literatura pela UFF, com pesquisa sobre a *Revista Universal Lisbonense* de António Feliciano de Castilho. É Mestre em Ciência da Literatura pela UFRJ (2009), com pesquisa sobre Alexandre Herculano. Possui Licenciatura em Letras pela Faculdade de Formação de Professores da UERJ (2005) e Pós-Graduação *Lato Sensu* em Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa pela UFRJ (2006). Atuou como professor na rede pública de ensino e como substituto nas disciplinas Literatura Portuguesa e Teoria Literária na FFP/UERJ. É membro do Polo de Pesquisa sobre Relações Luso-Brasileiras do Real Gabinete Português de Leitura. É Assistente Administrativo na UFF.